

Os números auspiciosos

Está em alta o investimento produtivo, indispensável ao crescimento econômico e à criação de empregos. Consumo em alta, juros em queda e câmbio mais favorável ao produtor nacional estão animando o empresariado. É preciso aumentar e modernizar a capacidade produtiva, tanto na indústria quanto no campo e na atividade mineradora, para atender à ampliação do consumo e exportar mais. A indústria de máquinas e equipamentos produziu, de janeiro a maio, 7,5% mais do que um ano antes. A expansão tem sido especialmente notável no ramo de bens de produção tipicamente industriais: de março a maio, a oferta desses produtos foi 20% maior que no mesmo trimestre de 1999.

A recuperação do investimento é confirmada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Segundo estimativa do Ipea, em junho, a formação bruta de capital fixo, isto é, de máquinas, equipamentos e instalações, correspondeu a 20% do Produto Interno Bruto (PIB), número parecido com a média dos primeiros três anos do real, 20,8%. As condições se tornaram menos favoráveis ao investidor desde a crise na Ásia, em meados de 1997. Vários grandes projetos foram mantidos, nesse período, mas o empresariado, de modo geral, passou a investir menos. A insegurança cresceu, o

crédito externo ficou mais difícil e os juros internos também se elevaram. Tudo isso tornou o capital excessivamente caro.

O cenário começou a mudar no segundo semestre do ano passado. Depois do susto inicial provocado pela mudança do câmbio, a confiança aumentou, o ingresso de recursos voltou a crescer e o Banco Central começou a baixar os juros. A economia voltou a crescer, de início lentamente, puxada pela exportação e por algum investimento produtivo. Em seguida, os consumidores começaram a dar alguns sinais de otimismo e voltaram às compras.

O crédito um pouco mais fácil favoreceu o comércio de bens duráveis de consumo. De janeiro a maio, a produção desses bens foi 21,4% maior do que em 1999, no período correspondente. Esse crescimento se explica em parte pela exportação, em parte pela recuperação do mercado interno. No primeiro semestre, as montadoras de veículos venderam no mercado interno 610.163 unidades, número 16,6% maior que o de janeiro a junho do ano passado. As exportações de veículos, prejudicadas no ano passado pela crise na Amé-

EX-LIBRIS
O ESTADO DE S. PAULO

rica do Sul, também voltaram a crescer. De janeiro a junho, foram embarcadas 171.506 unidades, 50,6% mais do que no mesmo semestre de 1999.

O aumento da exportação e das vendas finais no mercado interno diminuiu consideravelmente a ociosidade na economia. Em alguns setores, ficou apertada a capacidade produtiva. Isso ocorreu tanto em ramos produtores de bens finais

quanto em segmentos fornecedores de bens intermediários, isto é, destinados a pelo menos uma etapa de transformação.

Isso explica o rápido crescimento da importação de bens intermediários. De janeiro a maio, a produção desses bens foi 7,9% maior que a de um ano antes. O volume exportado superou em 9,3% o de igual período de 1999. Na quantidade importada, no entanto, a diferença chegou a 33,3%, na comparação entre os dois períodos.

O aumento da procura tem estimulado a substituição de importações de todas as categorias de produtos. A correção cambial do ano passado eliminou uma considerável vantagem do produtor instalado no Brasil.

Isso permitiu a retomada, no País, da fabricação tanto de produtos finais quanto de bens intermediários. Em alguns setores, como os de celulose, papel e produtos químicos, a capacidade remanescente de oferta continua apertada, enquanto investimentos são canalizados para essas áreas.

Os últimos dados do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) confirmam, claramente, o aumento da procura de recursos para investir. Esse movimento havia arrefecido no ano passado, em conseqüência

Recuperação da economia e redução de juros têm estimulado o investimento

da crise externa e do primeiro impacto da mudança cambial. Com a redução da Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP) de 11%, até junho, para 10,25% entre julho e setembro deste ano, o BNDES apresenta mais um estímulo à retomada do investimento. Novos cortes de juros deverão reforçar a tendência de recuperação, mas isso dependerá da evolução das contas externas e da segurança quanto ao acerto das contas públicas.